

DUAS PÁTRIAS: REVISTA DOCUMENTÁRIO LUSO-BRASILEIRA [1954-1958] – UM DISCURSO LAUDATÓRIO À ORDEM ESTABELECIDADA

DUAS PÁTRIAS: REVISTA DOCUMENTÁRIO LUSO-BRASILEIRA [1954-1958] – A LAUDATORY DISCOURSE TO THE ESTABLISHED ORDER

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0814-6779>

Monica Martinez

Universidade de Sorocaba

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1518-8379>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.66999

RESUMO:

A revista *Duas Pátrias*, impressa, entre 1954 e 1958, em Lisboa, mas com sedes na capital portuguesa, no Rio de Janeiro e em São Paulo, foi uma publicação luso-brasileira que se insere na história, iniciada no século XIX, da publicação de periódicos portugueses, brasileiros e luso-brasileiros que circularam em Portugal e no Brasil e contribuíram para as relações culturais entre ambos os países. Neste artigo apresenta-se essa publicação e analisam-se os seus conteúdos, por meio de uma abordagem quanti-qualitativa. Constatou-se que a revista contribuiu, simbolicamente, para a legitimação da ordem social vigente e refletiu os pontos de vista dos governos dos dois países. Verificou-se, adicionalmente, que a revista valorizou personalidades das elites portuguesas, brasileiras e luso-brasileiras, seu público-alvo, e as suas realizações e empreendimentos, principalmente do setor comercial e industrial, em sintonia com os objetivos comerciais, mas também sociais e políticos dos seus proprietários-editores.

PALAVRAS-CHAVE: *Duas Pátrias: Revista Documentário Luso-Brasileira*, história da imprensa luso-brasileira, revistas luso-brasileiras.

ABSTRACT:

The news magazine *Duas Pátrias*, printed between 1954 and 1958 in Lisbon, but with headquarters in the Portuguese capital, in Rio de Janeiro and in São Paulo, was a Portuguese-Brazilian publication that is part of the history, which began in the 19th century, of the publication of Portuguese, Brazilian and Luso-Brazilian periodicals that circulated in Portugal and Brazil and that contributed to the legitimation of cultural relations between the two countries. This research presents this publication and analyzes its contents, using a quantitative and qualitative approach. It was found that the magazine contributed symbolically to the solidification of the current social order and reflected the official points of view of the governments of both countries. It was also found that the magazine valued personalities from the Portuguese, Brazilian and Luso-Brazilian elites, its target audience, and their achievements and enterprises, mainly in the commercial and industrial sectors, in line with the commercial, but also social and political objectives of its owner-publishers.

KEYWORDS: *Duas Pátrias*; *Revista Documentário Luso-Brasileira*; history of the Luso-Brazilian press; Luso-Brazilian magazines.

INTRODUÇÃO

Apontando, simbolicamente, no título, para as estreitas relações entre Portugal e o Brasil, *Duas Pátrias: Revista Documentário Luso-Brasileira* foi lançada em julho de 1954, em Lisboa e em São Paulo, pelo empresário luso-brasileiro Joaquim António Matias. No Brasil, Getúlio Vargas vivia os últimos dias da sua segunda presidência; em Portugal, Salazar liderava o regime autoritário e corporativista do Estado Novo. Se bem que a ordem política portuguesa não tivesse se alterado entre 1954 e 1958, anos que limitam a presente pesquisa, o Brasil passou por mudanças significativas. O Presidente Café Filho, vice-presidente de Getúlio Vargas, assumiu a Presidência, depois do suicídio de Vargas, em 1954. Em 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito Presidente e implementou uma política de industrialização conhecida por Desenvolvimentismo, sob o lema “50 anos em 5”. A nova capital federal, Brasília, símbolo da nova política, foi inaugurada em 1960. No mundo, vivia-se a Guerra Fria, mas também se desenvolviam os processos de emancipação dos povos e descolonização, aos quais o Portugal salazarista resistia. Nesse contexto, o movimento pelos Direitos Cívicos, nos Estados Unidos, ganhava protagonismo.

Esta pesquisa situa-se no campo dos estudos em jornalismo, ancorada na história cultural e na análise crítica do discurso. A relação entre jornalismo e publicidade/propaganda não constitui o foco central do artigo, embora o caráter propagandístico de determinados textos da revista seja abordado de forma tangencial, como elemento do discurso jornalístico da época, com fins estritamente comparativos.

A revista *Duas Pátrias* insere-se numa longa tradição, nascida no século XIX, de publicação de periódicos informativos impressos alicerçados em Portugal e no Brasil (Bahia, 1990; Romancini; Lago, 2007; Martins, Luca, 2008; Sodré, 2011; Tengarrinha, 2013; Cavaco, 2017; Luca, 2018; Silva, 2018; Sousa, 2021). Entre esses periódicos, as revistas tiveram um papel relevante no desenvolvimento de relações culturais entre Portugal e o Brasil (Schiavon, 2008; Müller, 2011; Assunção, 2015; Ribeiro, 2017; Lopes, 2021; Lucas, 2022). Se bem que as revistas possam ser estudadas desde uma perspectiva macroscópica e conjunta, inseridas em histórias da imprensa e do jornalismo (Bahia, 1990; Sodré, 2011, Tengarrinha, 2013; Sousa, 2021) ou em obras dedicadas (Martins, 2001; Cavaco, 2017), têm também podem ser objeto de relevantes estudos individualizados, uma abordagem ensaiada já por vários autores e autoras, que cruza um recorte comunicacional com a micro-história cultural (Luca, 2018; Silva, 2018; Lucas, 2022).

Esta pesquisa, portanto, insere-se no campo da Comunicação, mais especificamente nos estudos do Jornalismo, com enfoque na análise de discursos e práticas midiáticas em perspectiva histórica e cultural. Quanto à escolha da revista *Duas Pátrias* como objeto de estudo, ressalta-se seu caráter inédito como documento luso-brasileiro no período do Estado Novo português e no pós-Vargas brasileiro, sendo ainda pouco explorada na intersecção entre os dois países nesse campo de estudos. A particularidade dessa revista em relação a outros títulos do gênero, como se evidenciará neste estudo, reside na singularidade de *Duas Pátrias* no seu formato híbrido entre revista-documentário e publicação político-cultural, sustentada por um discurso transnacional alinhado a valores de ordem e tradição. Essa característica a distingue de outras publicações da imprensa luso-brasileira do período, mais centradas em conteúdos literários, diplomáticos ou comunitários.

Com este artigo, pretende-se responder às seguintes perguntas de pesquisa, considerando o contexto histórico do período de 1954-1958: como se apresentava a revista *Duas Pátrias*, com raízes simultâneas em Portugal e no Brasil? Quem foram os seus responsáveis e colaboradores? Quanto custava? Qual foi a sua proposta editorial, considerando que no seu próprio título se referia a “duas pátrias”? Que conteúdos ofereceu aos seus leitores e o que, considerando os conteúdos, pode-se presumir do público-alvo? Quais foram as ideias que defendeu e que enquadramentos deu às singularidades da realidade coeva que cobriu?

Para responder às perguntas norteadoras da pesquisa, fez-se uma descrição sistemática dos dados recolhidos da publicação, sintetizados em quadros, e uma descrição qualitativa de conteúdos e sequências discursivas relevantes do tom da revista, tidos pelos autores como casos notáveis (amostragem arbitrária por casos notáveis sucessivos, conforme sugere Scheufele, 2008a). Considerando-se, ainda, as potencialidades da abordagem quantitativa para apresentação e análise sistemática e global dos conteúdos de um periódico (Wimmer, Dominick, 1996; Scheufele, 2008b), realizou-se uma análise quantitativa do conteúdo da revista, considerando o tema das peças, com categorias definidas *a priori*. Os resultados desta análise expressaram-se por frequência absoluta (valores absolutos) e por frequência relativa (percentagens) e sistematizaram-se em tabelas, conforme sugerem Wimmer e Dominick (1996, p. 174-191) e Scheufele (2008b).

AS REVISTAS NO QUADRO DAS RELAÇÕES CULTURAIS LUSO-BRASILEIRAS

Duas Pátrias faz parte de uma lista longa de publicações periódicas fincadas em Portugal e no Brasil ou que apelam, inclusivamente nos títulos, a um imaginário luso-brasileiro, em grande medida por causa da partilha de uma história e de uma língua, tal como se assinalava na revista ilustrada enciclopédica portuguesa *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado* [1857-1868], que queria ser “útil ou agradável” a ambos os países e era financiada pela Sociedade Madrépora, uma entidade benemérita fundada por luso-brasileiros, no Rio de Janeiro, em 1858, em torno do periódico carioca *Madrépora Portuguesa*. Suzana Cavaco (2017), por exemplo, inventariou 81 periódicos portugueses que, entre 1825 e 1914, invocaram o Brasil no título ou no subtítulo.

Na história das relações luso-brasileiras, a imprensa desempenhou papel de destaque ao longo do século XIX e início do XX, na consolidação das trocas culturais entre Brasil e Portugal, mediadas por escritores, jornalistas e editores de ambos os países. Diários cariocas [...] e periódicos portugueses que circularam no Brasil [...] foram instrumentos que atuaram na consolidação de múltiplas [...] cumplicidades jornalísticas (Azevedo, 2020, p. 97).

O *Correio Braziliense ou Armazém Literário* [1808-1822], do publicista luso-brasileiro Hipólito José da Costa, consta das histórias da imprensa e do jornalismo em Portugal (Tengarrinha, 2013; Sousa, 2022) como um periódico luso-brasileiro - o primeiro. Mas na tradição dos estudos do jornalismo brasileiro, o *Correio Braziliense* é comumente considerado o marco inicial do jornalismo no Brasil, por ter sido lançado em Londres em 1.º de junho de 1808, três meses antes da *Gazeta do Rio de Janeiro* [1808-1822], o primeiro periódico publicado em território brasileiro, logo após a chegada da Família Real (Sodré, 2011, p. 44-45). A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, ao fugir das forças invasoras francesas, impulsionou a criação desse periódico, que cumpriu as funções de jornal oficial de Portugal e do Brasil. Foi redigido por Frei Tibúrcio José da Rocha entre sua fundação e 1812. Depois desses e até 1954, ano da fundação da revista *Duas Pátrias*, outros periódicos podem considerar-se luso-brasileiristas (Quadro 1).

Quadro 1: Periódicos luso-brasileiristas: exemplos [1856-1859].

Título	Circulação	Local	Editores
<i>Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal</i>	1856-1859	Lisboa	António José Fernandes Lopes
<i>Doze de Agosto: Revista Luso-Brasileira</i>	1856-1866	Lisboa	Albano Afonso de Almeida Coutinho
<i>O Correio da Europa: Revista Mensal Não Política, Essencialmente Noticiosa para as Províncias Ultramarinas e Brasil</i>	1857-1859	Lisboa	Carlos José Caldeira e Luís Filipe Leite
<i>Revista Contemporânea de Portugal e Brasil</i>	1859-1865	Lisboa	Ernesto Biester
<i>O Futuro</i>	1862-1863	Rio de Janeiro	Faustino Xavier de Novaes
<i>Correspondência de Portugal: Jornal de Notícias Portuguesas e Estrangeiras</i>	1862-1887	Lisboa	Filipe Augusto de Sousa Carvalho
<i>Mala da Europa</i>	1866-1868	Lisboa	Filipe Augusto de Sousa Carvalho
<i>O Correio da Europa: Jornal Político, Comercial e Noticioso</i>	1867-1868	Lisboa	Albano Afonso de Almeida Coutinho
<i>A América: Órgão Ante os Poderes Públicos de Portugal, dos Interesses Portugueses no Brasil e no Rio de Prata</i>	1868-1871	Lisboa	J. J. Lampreia de Sá Camelo e José da Silva Mendes Leal Júnior
<i>O Atlântico: Folha Comercial, Literária e Noticiosa</i>	1880-1897	Lisboa	António Guilherme Ferreira de Castro
<i>Edição Quinzenal Ilustrada do Jornal do Brasil</i>	1897-1898	Rio de Janeiro	Fernando Mendes de Almeida, Jaime Vítor, Visconde de São Boaventura
<i>Brasil-Portugal</i>	1899-1914	Lisboa	Augusto de Castilho, Jaime Vítor, Lorrjô Tavares
<i>O Brasil: Órgão dos Interesses Brasileiros em Portugal</i>	1913-1914	Lisboa	José Pereira Cardoso Júnior
<i>Atlântida, Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil</i>	1915-1920	Lisboa	João de Barros e João do Rio
<i>A Águia: Edição do Brasil</i>	1920-1921	Rio de Janeiro	Álvaro Pinto e António Sérgio
<i>Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento</i>	1924-1925	Rio de Janeiro	Álvaro Pinto e Tasso da Silva
<i>Revista Portuguesa</i>	1930-1937	São Paulo	[Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo e Clube Português]
<i>Atlântico: Revista Luso-Brasileira</i>	1942-1950	Lisboa e Rio de Janeiro	António Ferro e Lourival Fontes

Fonte: elaborado pelo autor e pela autora.

Em 1949, foi lançado por Júlio Caldas, imigrante português no Brasil, no Rio de Janeiro, o semanário *O Mundo Português*, publicado ao menos até 2003, ano do último exemplar registado na Biblioteca Nacional do Brasil. Esses projetos editoriais partilhados correspondem ao que Carla Patrícia Silva Ribeiro considera ser a

procura, por intelectuais portugueses e brasileiros, de uma reaproximação entre os dois países, através de um discurso que dava ênfase à ideia de continuidade entre Brasil e Portugal, uma vida histórica comum, um passado compartilhado, valorizando-se a participação do legado lusitano na construção cultural e político-administrativa do Brasil (Ribeiro, 2017, p. 47).

A revista *A Ilustração* [1884-1892], estudada em profundidade por Tania Regina de Luca (2018), constitui um caso emblemático. Foi concebida e lançada pelo empresário português Elísio Mendes, que residia entre Lisboa e o Rio de Janeiro, sendo um dos proprietários do diário carioca *Gazeta de Notícias*, que contava com colaboradores portugueses como os escritores Eça de Queirós e Ramalho Ortigão e o jornalista português Eduardo Schwalbach, que veio a ser diretor do *Diário de Notícias*, de Lisboa. A revista, dirigida pelo jornalista português Mariano Pina, que, mais tarde, rompeu com Mendes e se tornou editor e proprietário da publicação, era redigida e impressa em Paris, sendo, depois, remetida por transporte marítimo para Portugal e para o Brasil. Com apenas 16 anos, o poeta brasileiro Casimiro de Abreu torna-se colaborador da revista, aproveitando a oportunidade de ter seu nome conhecido no Brasil e em Portugal, lado a lado com escritores já consagrados (Sant'Anna, 2008, p. 5).

Outro caso particular é o de uma revista acadêmica portuguesa dedicada ao Brasil. Trata-se de *Brasília*, editada pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entre 1942 e 1968. Para Assunção (2015, p. 285), Portugal e Brasil não viam mais sentido na sustentação da dicotomia ex-metrópole e ex-colônia, buscando fundamentar as relações numa suposta comunidade ligada pela história e língua comuns, assumindo-se essa revista como uma das emanações desse desiderato.

Também vultos do jornalismo e da cultura portuguesa trabalharam nos dois países. Além dos nomes já citados, podem contabilizar-se o jornalista satírico e caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, que viveu no Brasil entre 1875 e 1879, trabalhando para a revista humorística *O Mosquito* e editando as revistas *Psit!* [1877] e *O Besouro* [1878 -1879]; e o jornalista Carlos Malheiro Dias, diretor da revista semanal ilustrada *Ilustração Portuguesa*, entre 1903 e 1912, que, no Brasil, dirigiu a revista *O Cruzeiro*, entre 1928 e 1933. Outros indivíduos das elites culturais e jornalísticas portuguesas e brasileiras circularam entre Portugal e o Brasil, devendo destacar-se o caso de António Ferro, cuja ação na direção do Secretariado de Propaganda Nacional levou à celebração do Acordo Cultural Luso-Brasileiro [1941], do Convénio Cultural Luso-Brasileiro [1948], que reformulou o anterior acordo, de um Acordo de Cooperação Intelectual entre Portugal e Brasil [1948] e ainda à tentativa de implantação,

embora malsucedida, de uma campanha de lusitanidade no Brasil, em 1942 (Ribeiro, 2017). Ferro, aliás, conhecia o Brasil, país que visitou longamente em várias ocasiões.

As publicações luso-brasileiras ou luso-brasileiristas contribuíram, certamente, para as relações culturais entre Portugal e o Brasil. Mas o relacionamento cultural entre os dois países passou, também, pela difusão de revistas e livros portugueses no Brasil, para abastecerem as elites dos imigrantes portugueses e das letras brasileiras; pela participação de Portugal nas celebrações do Quarto Centenário do Descobrimento (1900), nas comemorações do Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros ao Comércio Exterior (1908) e no Primeiro Centenário da Independência (1922), efeméride que motivou a primeira visita de um Presidente português ao Brasil, protagonizada por António José de Almeida, que retribui, aliás, a visita do Presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, a Portugal. Na oportunidade, António José de Almeida assinou vários tratados com o seu homólogo brasileiro, nomeadamente o da dupla nacionalidade, outro sobre propriedade artística e literária, outro para a troca de malas diplomáticas e ainda um acordo que previa a redução de taxas postais na permuta de livros e jornais dos dois países, “diplomas que, em conjunto, impulsionaram o intercâmbio da produção literária luso-brasileira” (Ribeiro, 2017, p. 49). O Governo português empenhou-se, aliás, em ter uma representação na Exposição Internacional do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, no mesmo ano. A criação da cadeira de Estudos Brasileiros, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1916, também não é alheia ao esforço de aproximação cultural e intelectual entre os dois países.

A tomada do poder por Getúlio Vargas, no Brasil, na sequência da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, ao mesmo tempo em que a Ditadura Nacional em Portugal, liderada por Salazar, fortalecia-se, intensificou a cooperação cultural entre ambos os países. Num quadro de avanço dos regimes autoritários por todo o mundo, o Estado Novo português, proclamado em 1933, terá servido de inspiração a Vargas, que proclamou o Estado Novo brasileiro, em 1937, na sequência de um golpe de Estado protagonizado pelo próprio. Ambos os “Estados Novos” comungaram, inclusivamente, da mesma base autoritária e corporativa, que contrapunha a colaboração de classes à luta de classes marxista, e procuraram o apoio um do outro, inclusivamente no plano cultural (Santos; Amorim, 2010, p. 127). Data desse período, por exemplo, a institucionalização do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura (1934).

O Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e o Brasil foi celebrado em 1953. Getúlio Vargas, que renunciou à Presidência do Brasil, em 1945, perante a iminência de um golpe

de Estado, tinha regressado ao poder, em 1951, dessa vez por eleição; e em Portugal, Salazar continuava a liderar o Estado Novo.

O suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, teria repercussões que transcendiam o cenário político interno do Brasil e afetariam suas relações com outros países, incluindo Portugal. A morte de Vargas foi um evento altamente simbólico, consolidando-o como uma figura mítica no imaginário popular brasileiro. Sua morte interrompeu, em alguma medida, a política externa que promovia a aproximação com países de língua portuguesa, visando fortalecer laços culturais e econômicos, ao mesmo tempo em que sua saída de cena marcou uma mudança de rumo político que, eventualmente, contribuiu para o ambiente de instabilidade que levaria ao golpe militar de 1964 (Cruz; Gonçalves; Delgado, 2020). A visita do Presidente português, Craveiro Lopes, ao Brasil, em junho de 1957, não reverteu a situação.

No momento em que a revista *Duas Pátrias* iniciou a publicação, em 1954, os dois países tinham, portanto, um lastro de colaboração cultural e intelectual, intensificada pela colaboração política entre os governos de Vargas e Salazar. Nesse quadro, conforme se realçou anteriormente, as revistas assumiram papel de relevo.

TENSÕES E DISPUTAS EM TORNO DO IMAGINÁRIO LUSO-BRASILEIRO

O imaginário das relações entre Portugal e o Brasil emergiu de mais de três séculos de colonização portuguesa do território brasileiro e de mais de dois séculos de relacionamento entre estados independentes cujos povos falam a mesma língua e que, durante dezenas de anos, no século XIX, tiveram na chefia dos respectivos Estados monarcas da mesma família. As representações escritas desse imaginário encontram-se em livros, revistas, jornais e outros periódicos, mas também, por exemplo, nos tratados celebrados entre os dois países e noutros documentos. As revistas, em particular, foram um dos palcos das interações culturais e intelectuais entre os dois povos, caracterizadas por elementos de aproximação, mas também de rejeição (Alves, 2009; Ribeiro, 2017).

Por um lado, o Brasil tem para Portugal uma dimensão simbólica que contribui para o imaginário de grandeza da Nação (Ribeiro, 2017, p. 46). Portugal revê-se na sua associação ao nascimento de um país gigante, o país que congrega mais falantes de português, mas também tem interesse estratégico de, por intermédio do Brasil, ter uma presença relevante nos palcos internacionais. Esse interesse, durante a Era Vargas, tempo em

que surgiu a revista *Duas Pátrias*, desembocou na articulação de um “bloco luso-brasileiro” acarinhado pelo Presidente do Brasil, que defendia um tratamento diferenciado e privilegiado com Portugal, e por Salazar (Martins; Faria, 2006, p. 267), num tempo em que os dois países “desenvolviavam políticas públicas direcionadas para a valorização da nacionalidade, apoiadas em determinadas concepções de história, que procuravam através do passado legitimar o presente” (Schiavon, 2008, s/p). No mesmo sentido, escreve Carla Patrícia Silva Ribeiro (2017, p. 46): “para o Portugal de Salazar, o Brasil representava uma constante na sua política externa [...] percecionado como um prolongamento da matriz cultural lusa, procurando consagrar-se a ideia do luso-brasileirismo, uma aliança natural entre as duas nações” que partilhavam uma língua e uma história comum ao longo de mais de três séculos. Aliás, foi “a cultura a dar sustentabilidade à criação de laços mais fortes entre Portugal e o Brasil” (Baltazar, 2006, p. 247). Por isso, Portugal empenhou-se, ao tempo, na assinatura de acordos culturais e políticos entre os dois países e na implantação de projetos assentes na concepção do luso-brasileirismo, como a campanha de lusitanidade no Brasil, congeminada por António Ferro, em 1942.

Por outro lado, tal como escreve Marcello Assunção (2015, p. 238), “as relações luso-brasileiras [...] foram demarcadas tanto pela lusofilia, no seio do campo cultural, quanto pelo anti-lusitanismo”. O anti-lusitanismo, aliás, expressa-se até hoje nas ideias de que Portugal roubou o ouro do Brasil e é responsável histórico por parte significativa dos males de que o Brasil padece. Consequentemente, o ensaísta português Eduardo Lourenço (1999, p. 135-144; p. 155-160) não hesitou em considerar o luso-brasileirismo um mito inventado e cultivado sobretudo em Portugal, um país que alimentaria um imaginário sobre o Brasil voltado, saudosamente, para um passado idealizado. No mesmo sentido, o escritor e diplomata Alberto da Costa e Silva (2023, p. 23-25) identifica o luso-brasileirismo apenas com uma série de equívocos bem-intencionados e afetuosos.

Do ponto de vista brasileiro, a colonização portuguesa resultou na fusão de culturas indígenas e europeias, e, posteriormente, africanas. Como dizem Schwarcz e Starling (2015, p. 15), de “tanto misturar cores e costumes, fizemos da mestiçagem uma espécie de representação nacional”. Esse processo gerou um sincretismo cultural evidente em diversas manifestações, como na música (samba, bossa nova), nas danças (forró, frevo) e nas festas populares (carnaval). Essa mescla deu origem a uma sociedade caracterizada por “ritmos, artes, esportes, aromas, culinárias e literaturas mistas” (Schwarcz; Starling, 2015, p. 15). Contudo, no contexto atual de polarização global, essa diversidade, outrora valorizada como uma qualidade distintiva, tem sido frequentemente desvalorizada ou instrumentalizada.

Religiosamente, a colonização estabeleceu o catolicismo como a crença predominante, que se entrelaçou com as tradições indígenas e, mais tarde, africanas. Essa diversidade religiosa, que tem enfrentado desafios, como o crescimento do fundamentalismo neoevangélico, é uma característica essencial da identidade brasileira e já se manifestava na época da revista *Duas Pátrias*. Como diz Del Priore (2006, p. 22), “a colonização consistiu em uma verdadeira cruzada espiritual que tinha por objetivo regulamentar o cotidiano das pessoas pela orientação ética, pela catequese e pela educação espiritual”. Como em Portugal, o sermão dominical e a prática da confissão desempenhavam um papel central na vigilância sobre a organização familiar e no controle da sexualidade, especialmente a feminina. Além disso, a colonização e a exploração econômica, juntamente com a escravidão de povos africanos - o Brasil recebeu 40% dos africanos escravizados para trabalhar nas colônias agrícolas da América portuguesa -, geraram profundas desigualdades sociais que continuam a impactar a sociedade brasileira (Starling; Schwarcz, 2015, p. 15). Essa realidade molda a identidade nacional brasileira, refletindo os desafios e tensões que persistem até hoje e ressoavam socialmente ao tempo da revista *Duas Pátrias*.

REVISTA DUAS PÁTRIAS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revista *Duas Pátrias* foi publicada entre 1954 e 1958. Segundo os registos e exemplares encontrados, publicaram-se quatro números, anualmente, com exceção do número 2, que abrange os anos de 1955 e 1956. Foi editada, simultaneamente, em Lisboa e em São Paulo, pelo empresário luso-brasileiro Joaquim António Matias, que contou com o apoio de brasileiros e portugueses no Brasil, conforme se reconhece no editorial do primeiro número.¹ Tinha uma dimensão de 25 x 30 centímetros, com número variável de páginas e oscilações de preço (Quadro 2). Chegou a ser idealizada sua publicação mensal², conforme se lê no número de 1957, mas essa periodicidade provavelmente nunca se concretizou.

No editorial do primeiro número, a revista se declara a serviço da “causa comum de Portugal e do Brasil”, sempre “na veneração, respeito e devotamento à causa sagrada das Duas Pátrias”, em sintonia com o contexto e o imaginário luso-brasileiro da época. Escreve-se nessa matéria: “Queremos contribuir com a nossa quota-parte para que a continuidade histórica luso-brasileira seja cada vez mais integral, para a legarmos aos vindouros numa coroa que é Portugal e Brasil”³.

Quer o título quer as suas capas - idênticas em três (1954, 1955-1956 e 1958) dos quatro números publicados da revista *Duas Pátrias* - apelam à ideia de forte ligação ou mesmo

irmandade entre Portugal e o Brasil (Figura 1). Esse apelo simbólico é reforçado, na folha de rosto do primeiro número, por uma citação do poeta, político e diplomata brasileiro Olegário Mariano, então embaixador do Brasil em Portugal: “Não há duas Pátrias, há uma só Pátria, à sombra de duas bandeiras”. Os brasões de ambos os países que surgem nas três capas referidas, sobressaindo sobre fundo negro, com o português a sobrepor-se, ligeiramente, ao brasileiro, são fortalecidos pelo lema, que surge numa espécie de listel: “Estas são as pátrias muito amadas” (Figura 1). Há, igualmente, uma referência - também no listel - aos anos da “fundação” de ambos os países: 1140, Portugal; e 1500, Brasil (Figura 1). Aliás, tanto o brasão republicano brasileiro quanto o português compartilham uma paleta de cores similar, utilizando os mesmos tons de amarelo, azul e vermelho. A ausência do verde no brasão português é compensada pela escolha dessa cor para o título da revista, estabelecendo um diálogo visual.

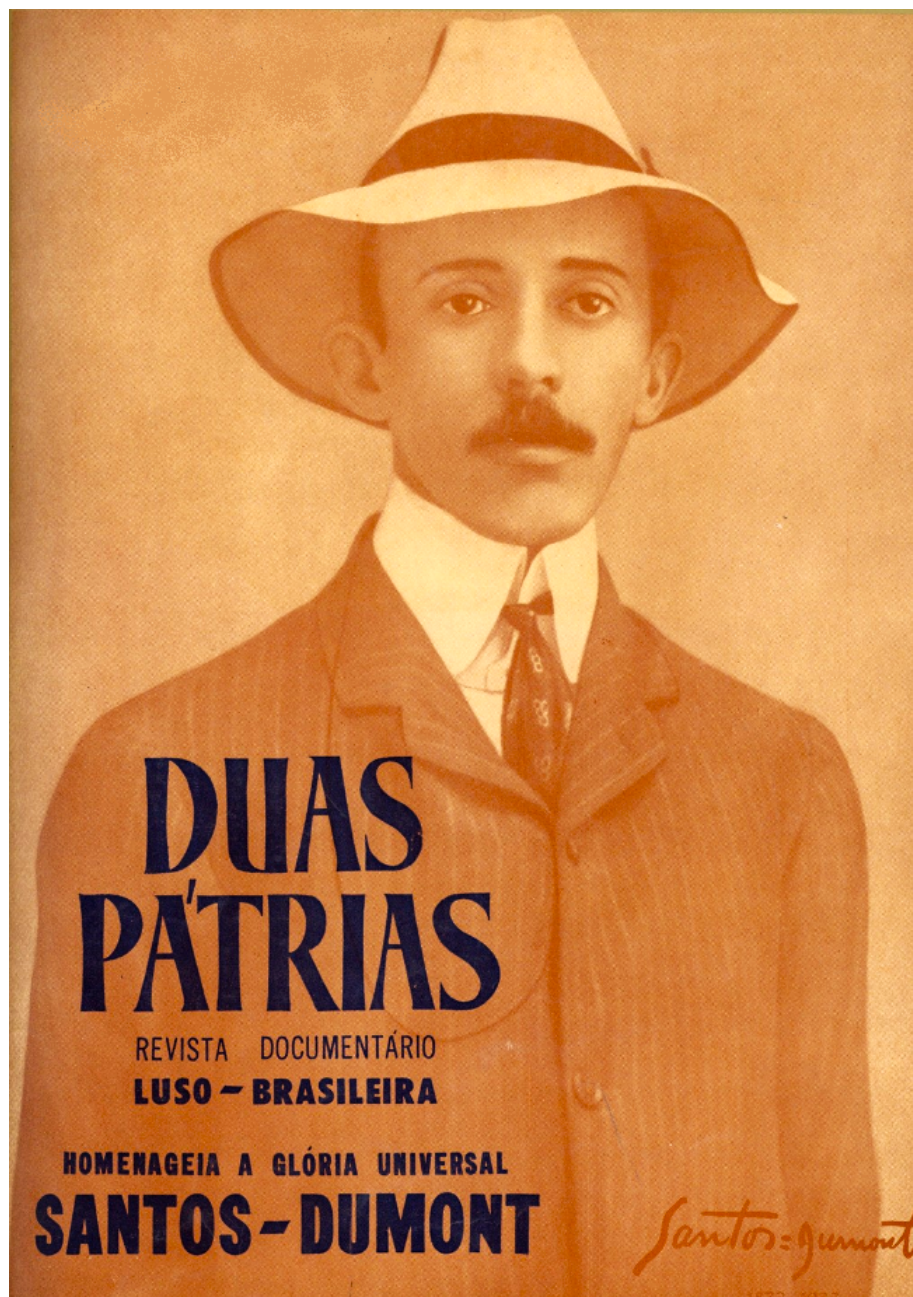
Figura 1: Capa do primeiro número da revista *Duas Pátrias* [julho de 1954].



Fonte: reprodução do original.

O terceiro número da revista homenageia o aviador Santos Dumont, “glória universal”, cujo retrato ocupa toda a capa, impresso em tom sépia, ao ponto de o título da revista e o tema do número sobreporem-se à imagem (Figura 2). A assinatura de Santos Dumont aparece no canto inferior direito da capa, validando o retrato (Figura 2). O uso do sépia, comum nas fotografias do século XIX e do início do século XX, evoca a recuperação da memória histórica do personagem.

Figura 2: Capa do terceiro número da revista *Duas Pátrias* [1957].



Fonte: reprodução do original.

O número de páginas varia entre as edições (Quadro 2). Há uma tendência de queda até o terceiro número, seguida por um aumento no quarto. O preço é idêntico no primeiro e no segundo números, caindo no terceiro (em que o número de páginas decresce) e aumentando, ligeiramente, no quarto e último número, associável ao aumento do número de páginas (Quadro 2). Os dados recolhidos sugerem que a revista, provavelmente, não teve o êxito esperado. Aliás, o segundo número é duplo, compreendendo dois anos, reforçando a ideia de insucesso. Possivelmente, as mudanças políticas decorrentes do suicídio do Presidente Vargas tenham contribuído para as transformações numa revista planeada para unir, simbolicamente, Portugal e o Brasil.

Quadro 2: Evolução do número de páginas e preços da revista *Duas Pátrias*.

Número da revista	Páginas	Preço em Portugal (escudos)	Preço no Brasil (cruzeiros)	Preço da assinatura anual (só no Brasil), em cruzeiros
1 [1954]	193 Acrece capa, verso, rosto e contracapa.	50	100	250 (três números)
2 [1955-1956]	145 Acrece capa, verso, rosto e contracapa.	50	100	250 (três números)
3 [1957]	105 Acrece capa, verso, rosto e contracapa.	20	50	[Omisso.]
4 [1958]	133 Acrece capa, verso, rosto e contracapa.	30	60	[Omisso]

Fonte: elaborado pelo autor e pela autora.

A responsabilidade editorial da revista também foi instável (Quadro 3). Joaquim António Matias permaneceu como editor-proprietário e diretor técnico em todos os números, e a escritora Dolores Montenegro Garcia Matias, possivelmente sua parente, manteve-se como administradora. Contudo, a direção editorial sofreu alterações. No primeiro número, a revista apresenta um diretor e um chefe de redação portugueses, o historiador e político⁴ António do Valle Domingues e o diplomata Joaquim Maia Águas (grafado como Joaquim Maria Águas no primeiro número), membro da Legião Portuguesa e militante da União Nacional, partido único do regime salazarista. Esse último é promovido a diretor a partir do segundo número, em que é mencionado, igualmente, um diretor de Propaganda e Expansão (Adolfo de Bourbon e Barbosa). Nos terceiro e quarto números, são três os nomes na direção da revista: o médico Raul Baeta Henriques, dirigente da União Nacional em Portugal; Joaquim Maia Águas, já referido; e o jornalista e historiador português Augusto Krusse Afflalo, residente no Brasil, sendo que este surge

como diretor-adjunto no número 3 e junta-se aos restantes dois diretores no número 4, num “Corpo Diretivo”. Alguns nomes foram mal grafados, o que denota falta de cuidado na composição, eventual ausência de revisão e, portanto, um certo amadorismo. Três dos nomes identificados têm ligação direta com o partido único português, o que sugere que o editor-proprietário da revista possuía afinidade com os regimes vigentes em ambos os países. Ele seria, certamente, um indivíduo afeto à “Situação” em Portugal e no Brasil, conforme se dizia ao tempo, com ligações a personalidades políticas lusas e brasileiras.

As sedes da revista também oscilam (Quadro 3). O número 2, por exemplo, é omissa em relação a qualquer sede em Portugal. E a sede no Brasil oscila entre o Rio e São Paulo.

A impressão dos quatro números foi realizada em Lisboa.

Quadro 3: Direção e dados administrativos da revista.

Número da revista	Propriedade	Direção	Administradora	Sede	Local de impressão
1 [1954]	Joaquim António Matias (acumulando com o cargo de diretor técnico)	António do Valle Domingues (diretor em Portugal) Joaquim Maria (sic) Águas (chefe de redação)	Dolores Montenegro Matias	Lisboa e São Paulo	Lisboa
2 [1955-1956]	Joaquim António Matias (diretor técnico e proprietário)	Joaquim Maia Águas (diretor em Portugal) Eng.º Adolfo de Bourbon e Barbosa (diretor de Propaganda e Expansão)	Dolores Montenegro Matias	São Paulo	Lisboa
3 [1957]	Joaquim António Matias (propriedade e direção técnica)	Diretores: Dr. Raul Baeta Henriques Joaquim Maia Águas Diretor-adjunto Augusto Krusse Afflato (sic)	Dolores Montenegro Matias (administradora e editora)	Rio de Janeiro (delegação provisória em Lisboa)	Lisboa
4 [1958]	Joaquim António Matias (proprietário, diretor técnico e editor)	Corpo diretivo: Joaquim Maia Águas Raul Baeta Henriques Augusto Krusse Afflato (sic)	Dolores Montenegro Matias (diretora administradora)	Lisboa e São Paulo	Lisboa

Fonte: elaborado pelo autor e pela autora.

O conteúdo da revista reparte-se entre conteúdo editorial e publicidade, predominando o primeiro (Tabela 1). Sendo um empresário possivelmente bem relacionado nos meios políticos e empresariais, o proprietário da revista não terá tido dificuldades em garantir anúncios publicitários de Portugal e do Brasil que contribuíram - mas talvez não o suficiente - para a solubilidade do empreendimento (21% das páginas ocupadas com publicidade, cerca de 1/5 das mesmas). De qualquer modo, talvez a revista servisse outros propósitos, nomeadamente o de promoção social e política do seu proprietário e colaboradores próximos, pelo que a sustentabilidade comercial da publicação pode ter sido encarada em segundo plano.

Tabela 1: Repartição entre conteúdos editoriais e publicitários da revista.

Número da revista	Conteúdos editoriais		Conteúdos publicitários	
	Número de matérias editoriais ²⁴	Número de páginas (incluindo capa, rosto, etc.)	Número de anúncios publicitários	Número de páginas (incluindo capa, rosto, etc.)
1 [1954]	111	167 (84%) (Média: 1 matéria por 1,5 páginas)	83	31 (16%)
2 [1955-1956]	69	116 (77%) (Média: 1 matéria por 1,7 páginas)	107	34 (23%)
3 [1957]	49	88 (80%) (Média: 1 matéria por 1,8 páginas)	64	22 (20%)
4 [1958]	73	97 (71%) (Média: 1 matéria por 1,3 páginas)	82	39 (29%)
Totais	302 (Média: 75,5)	468 (79%) (Média: 117)	336 (Média: 84)	126 (21%) (Média: 31,5)

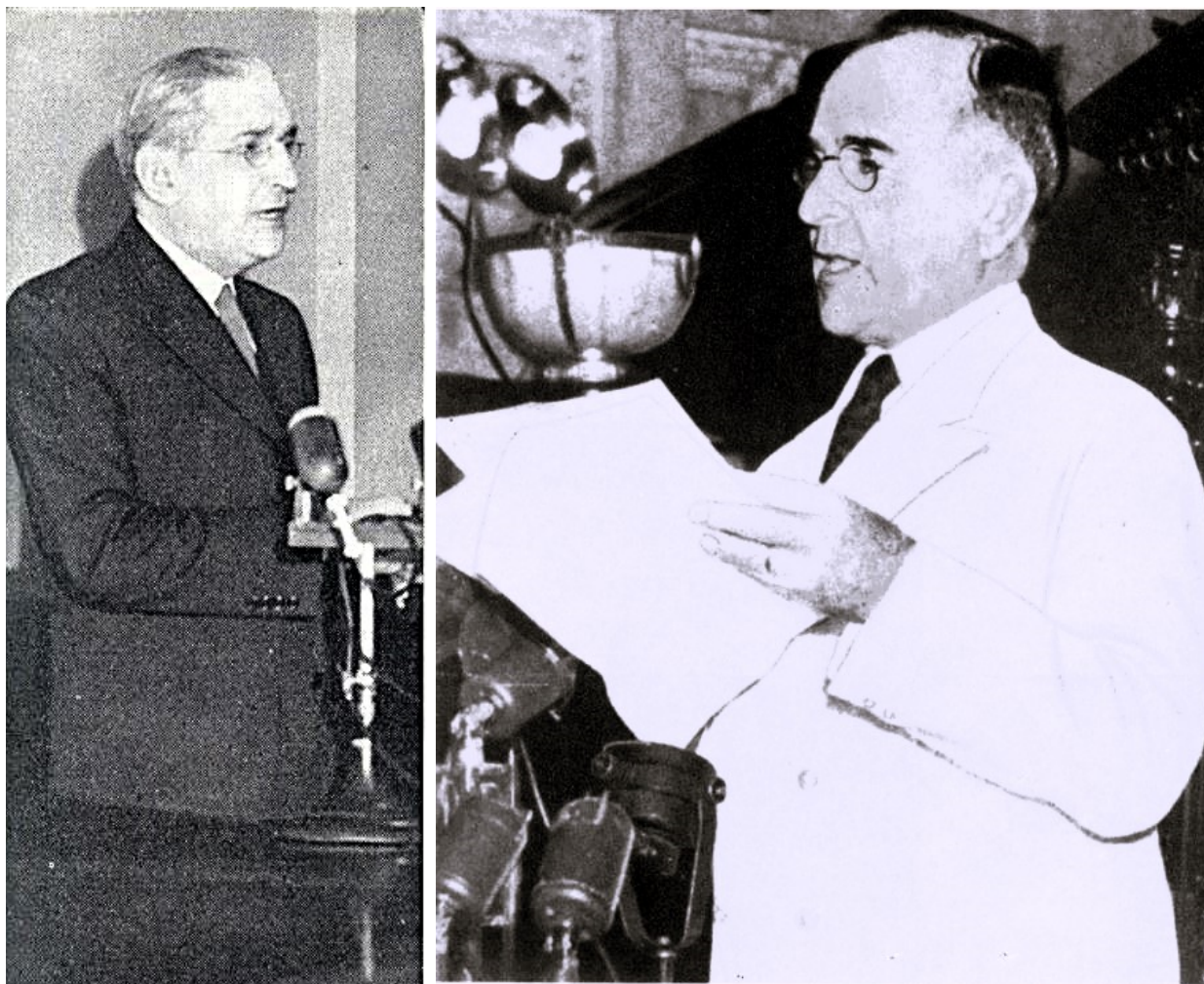
Fonte: elaborado pelo autor e pela autora.

As matérias publicadas na revista *Duas Pátrias*, em média, apresentam uma extensão entre uma e duas páginas (ou seja, em média são matérias relativamente curtas na sua extensão). No segundo e no terceiro número (neste por causa de um artigo extenso sobre Santos-Dumont) a sua extensão média aproxima-se das duas páginas; mas no primeiro e no quarto números, aproxima-se mais da página singular (ou seja, de uma matéria por página).

Releva-se de uma leitura sistemática da revista *Duas Pátrias* a sua condição de panegírico às lideranças políticas (Figuras 3 e 4), económicas, religiosas (católicas) e sociais do Brasil e de Portugal e da comunidade luso-brasileira residente no Brasil. *Duas Pátrias* assume, assim, a sua condição de revista alinhada com a ordem política,

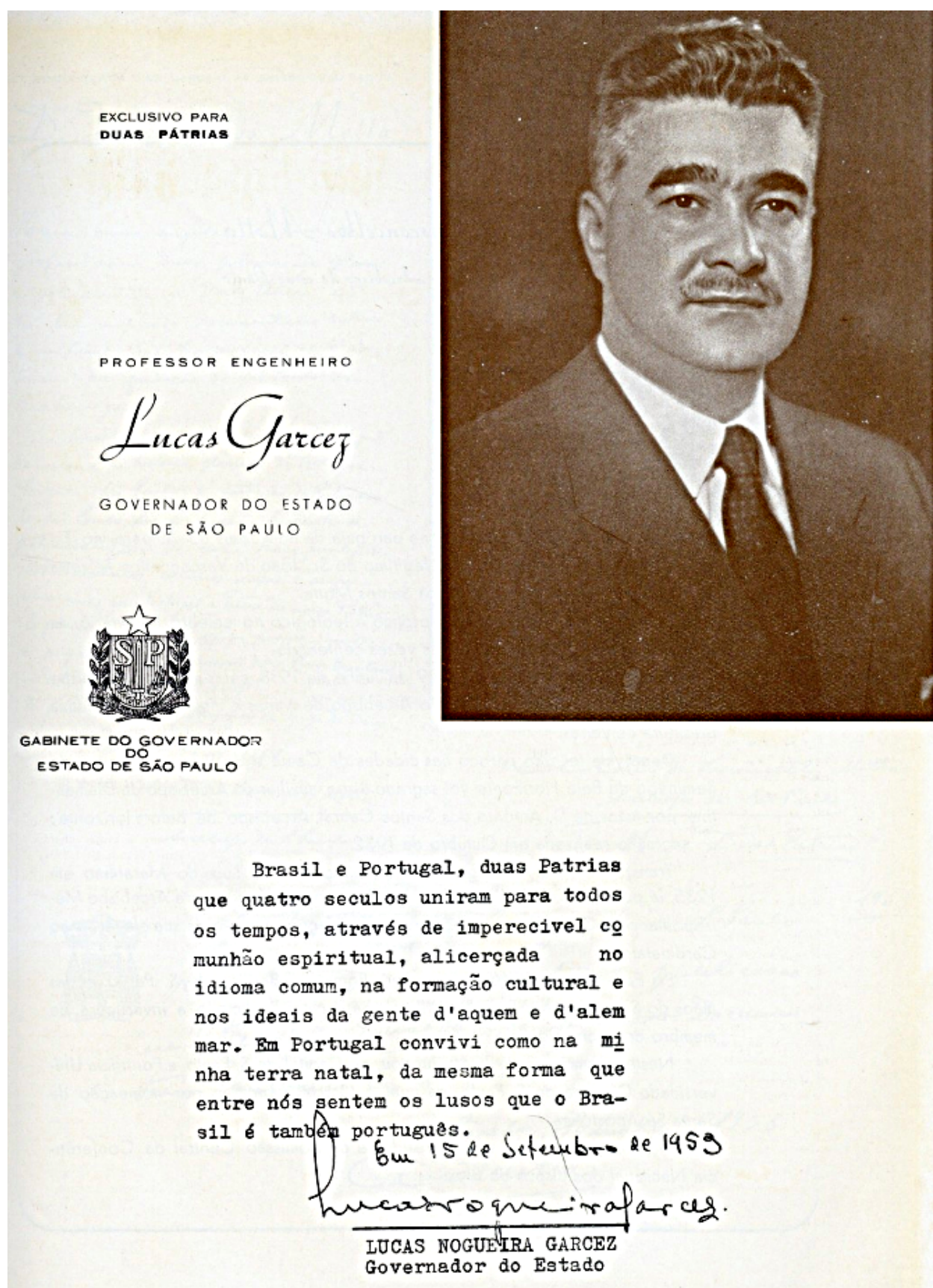
social e econômica vigente nos dois países, sendo de destacar o elevado número de matérias (biografias, cartas-autógrafo...) dedicadas a personalidades das elites coevas (Tabela 2) e do passado.

Figura 3: Salazar e Getúlio Vargas.



Fonte: reprodução dos originais (*Duas Pátrias*, n.º 1, julho de 1954, p. 77 e p. 4).

Figura 4: Exemplo de carta-autógrafo.



Fonte: reprodução do original (*Duas Pátrias*, n.º 1, julho de 1954, p. 7).

Logo no primeiro número se materializa o programa ideológico da revista. Este abre com uma matéria dedicada ao Presidente da República Portuguesa, general Craveiro Lopes, retratado como um indivíduo de “alta formação moral”, com “dedicação total à causa pública”⁵. Na mesma matéria, Salazar é descrito como “o grande renovador da Nação”⁶, enquanto noutro texto são transcritas diversas citações do líder do Governo português⁷ e ainda noutro se reflete sobre “Salazar e a Nação” após “26 anos de trabalho, de permanente esforço, de inteira dedicação, de total dádiva de si próprio aos superiores interesses da Pátria”⁸. A segunda matéria do primeiro número é devotada ao Presidente Getúlio Vargas, “político e académico”, “saudado com admiração e respeito pela voz uníssona do país”, que deu ao Brasil um governo “trabalhista” de “prosperidade e grandeza”⁹. Nesse mesmo número, a política ultramarina do Estado Novo português é elogiada num artigo contra as pressões da União Indiana para a restituição das possessões portuguesas de Diu, Damão e Goa, simbolicamente intitulado “O Brasil solidário com Portugal nos seus direitos históricos sobre a Índia Portuguesa”¹⁰. Noutro texto, é celebrada a “projeção mundial” de Salazar ao fim de 26 anos de governo¹¹. Noutro texto, ainda, é homenageado o académico e antigo prefeito do Rio de Janeiro Pedro Ernesto, por ser um “brilhante defensor da Língua Portuguesa”¹². Gilberto Freyre, intérprete e defensor do luso-tropicalismo, assina um texto intitulado “Obrigado aos portugueses”¹³.

O segundo número inicia-se com uma matéria intitulada “Brasil, país de futuro”¹⁴, a que se sucede uma reportagem sobre a viagem “triunfal”¹⁵ do Presidente da República Brasileira, Café Filho, a Portugal, e uma matéria sobre a eleição do Presidente brasileiro Juscelino Kubitschek. Salazar, no entanto, continua presente, numa matéria que o apelida de “um homem que trabalha em colaboração com as forças eternas da natureza e da vida”¹⁶. O editorial desse número é dedicado à defesa dos pilares da política externa salazarista portuguesa: amizade luso-brasileira, luso-espanhola, luso-britânica e com a Santa Sé¹⁷. Aliás, foi constante na revista a defesa de Salazar, do regime salazarista e da posição do Estado Novo português em matéria de política externa - uma política que, justificada por uma alegada ação civilizadora lusa, procurava manter, ao arripio dos tempos, o Império colonial português em África (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique), na Índia (Diu, Damão e Goa), na China (Macau) e em Timor-Leste. Mais à frente, um artigo atesta, equivocadamente, que Goa, Damão e Diu seriam “sempre portuguesas”¹⁸. Um texto aborda as pessoas negras na literatura - “Só nos nossos dias (...) o negro conquistou nas letras brasileiras o lugar a que tinha direito. Só hoje é estudado e cantado como merece, já que tanto contribuiu para a

psyché do brasileiro”, ainda que com as pessoas negras apenas existisse “simpatia”, “*quase* fraternidade” (itálico nosso)¹⁹.

Santos-Dumont, desde a capa, é o foco do terceiro número da revista *Duas Pátrias* e tema e pretexto para várias matérias e depoimentos de personalidades da aviação civil e militar. Mas depois de um texto de abertura sobre o homenageado, o destaque vai para o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que endereçou à revista uma carta-autógrafo, publicada em *fac-símile*. Diz a revista sobre ele que é um “Homem à altura dos interesses da Nação, de modo a bem orientá-la na sua futura rota”, escolhido pela “Providência”, mas adverte para um futuro cheio de “vicissitudes”²⁰. Mais à frente, outra matéria destaca as personalidades dos “grandes colaboradores de Kubitschek”, classificados como “peças de magnífica categoria, selecionadas com inteligência, sob o olhar arguto, vivo e altamente simpático do homem que preside aos destinos do Brasil”²¹. Ainda noutra matéria, celebra-se o primeiro aniversário da Presidência de Kubitschek, apontando-se, no entanto, que “o sufrágio universal constitui hoje, na democratização dos Povos, a maneira mais lídima de sintetizar as preferências dos eleitores”²², afirmação corrosiva para a ideologia do Estado Novo português, em que as eleições eram uma farsa, conforme se verificou nas Presidenciais de 1958, perdidas, fraudulentamente, pelo general Humberto Delgado. Ainda no terceiro número, é antecipada a visita do Presidente português, Craveiro Lopes, ao Brasil, destinada a “manifestar a fraternal amizade que une os dois grandes povos da língua portuguesa e manifestar o acordo perfeito da comunidade luso-brasileira”²³.

O quarto número é, principalmente, dedicado à visita do Presidente da República Portuguesa, Craveiro Lopes, ao Brasil, a convite do seu homólogo brasileiro, o Presidente Juscelino Kubitschek. A página de rosto, por exemplo, reproduz mensagens de ambos os Presidentes, em jeito de balanço sobre os resultados da visita de Estado. Logo a seguir, um texto laudatório para o Presidente Kubitschek procura, forçadamente, identificar o Presidente do Brasil com a ideia de “Comunidade Luso-Brasileira, designação mais certa, mais lógica, mais humanamente lusiada”²⁴, que não levava em conta as diferentes nacionalidades que enformaram o Brasil contemporâneo. Nas palavras do autor, Brasil e Portugal protagonizariam uma “união espiritual entre as duas Nações Cristãs, união considerável de dois povos, irmãos pelo sangue, pelo génio da raça, pela identidade de pensamento (...) de que são polos humanos o Presidente Kubitschek de Oliveira e o Presidente Craveiro Lopes”²⁵. No miolo da revista surgem reportagens sobre as visitas de Craveiro Lopes ao Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Manaus, Salvador e Belo Horizonte

e sobre o regresso do Presidente a Lisboa. Um outro texto do quarto número volta à questão das pessoas negras para assegurar, na contramão da ciência, que “o negro no Brasil já existia quando este grande país foi descoberto pelos portugueses”²⁶ e justificar o escravagismo:

Há quem suponha que a raça negra pisou pela primeira vez as terras do Brasil quando... se verificou a necessidade do auxílio de seus braços para ser levada a bom termo a obra estupenda da colonização.... Está, no entanto, provado que... a raça negra já ali se tinha estabelecido.... A escravatura negra no Brasil foi a mais benigna de todas as escravaturas... e (...) torna-se bem patente a maneira como os portugueses trataram sempre... o preto... transformando-os de selvagens em trabalhadores..., devido à caridade cristã dos portugueses, que sempre entenderam que o negro também tinha alma...²⁷.

Uma das ideias fortes da revista *Duas Pátrias* reside na defesa da especificidade da colonização portuguesa e do alegado papel civilizador de Portugal durante a sua expansão imperialista e colonial. Um texto de Raul Humberto de Lima Simões, diretor do *Boletim do Porto de Lisboa*, é revelador:

Portugal ia escrever... uma magnífica epopeia de bravura, de audácia, de civilização..., ocupou... metade do Mundo, fundou cidades, criou nações, povoou os oceanos, levou a palavra de Cristo aos mais remotos lugares..., foi compreensivo, humano, para com os povos que o acolheram, fez, numa palavra, civilização.

Os “civilizadores” de hoje..., longe de lhe poder dar lições, muito têm... que aprender com Portugal....

Foi tão grande, tão real, o sentido civilizador da expansão portuguesa... que a obra executada no Brasil... é hoje reconhecida, sem favor, como uma obra sem exemplo na História²⁸.

Outros conteúdos dos quatro números da revista *Duas Pátrias* versam assuntos diversificados: história de Portugal e do Brasil; personalidades históricas de ambos os países; património artístico e monumental português; cidades de Portugal e do Brasil; emigração e emigrantes portugueses no Brasil; homenagens e outros eventos sociais da comunidade luso-brasileira no Brasil; eventos culturais e sociais; literatura e crítica literária, incluindo um texto contra o futurismo; imprensa brasileira; teatro; música; produção económica dos estados brasileiros; empreendimentos industriais, comerciais, desportivos, religiosos e educativos, normalmente da iniciativa de indivíduos da comunidade luso-brasileira residente no Brasil, mas não só; carreiras marítimas entre Portugal e o Brasil; o “amor de Portugal pelo Brasil”²⁹; poesia, alguma dela nacionalista e imperialista (poemas sobre as possessões ultramarinas portuguesas, por exemplo). Uma reportagem dá conta, no primeiro número, das celebrações do IV centenário da cidade de São Paulo

em Portugal³⁰. O catolicismo está omnipresente numa multiplicidade de textos que se focam em temas como: clérigos católicos; Fátima, celebrações religiosas portuguesas na Terra Nova; a primeira missa celebrada no Brasil, a dilatação da fé católica pelos portugueses no Brasil; as Oficinas São José, em Lisboa, obra católica de apoio à infância e juventude, entre outras matérias. Um texto vinca que “o brasileiro não é estrangeiro em Portugal”³¹. A revista também publicou vários textos sobre si mesma e os seus colaboradores e colaboradoras, sempre na perspetiva do autoelogio e autoenaltecimento, casos, por exemplo, de peças que documentam a diretora, Dolores Montenegro Marias, e outra colaboradora a viajar, a visitar instituições e a oferecer números da revista a individualidades como o Presidente Kubitschek.

Nota-se, igualmente, na revista *Duas Pátrias*, permeabilidade entre conteúdos publicitários e editoriais. Algumas matérias tratam de entidades que também figuram entre os anunciantes da revista - uma prática recorrente ao longo das edições. Por exemplo, o primeiro número da revista inclui várias matérias sobre São Paulo, o prefeito da cidade e o governador do Estado; ora, o Governo do Estado inseriu na revista um anúncio de página inteira, no verso da capa, com o programa das comemorações do quarto centenário da cidade. Também há uma grande permeabilidade entre o tema central da revista e os anúncios publicitários no terceiro número, dedicado a Santos-Dumont, no qual anunciam várias companhias de aviação de todo o mundo. No quarto número, a visita do Presidente da República Portuguesa ao Pará, a Minas-Gerais e à Amazônia permitiu à revista captar anúncios publicitários locais, ao mesmo tempo que inseriu matérias sobre esses temas.

Tabela 2: Distribuição das matérias editoriais por categoria temática.

Categoria	Número de matérias	Percentagem
Biografias, elegias de personalidades, cartas-autógrafo (vd. figura 4) à revista e temas sociais da comunidade luso-brasileira	121	40
Atualidade política, social e diplomática de Portugal e do Brasil	46	15
Património, história e cultura de Portugal e do Brasil	30	10
Empresas e atividade económica de Portugal e do Brasil	27	9
Editoriais e assuntos da revista	21	7
Lugares e instituições (não englobadas noutras categorias) de Portugal e do Brasil	19	6
Comunidade luso-brasileira e suas instituições	18	6
Poesia e outros textos literários	7	2
Festas, efemérides e celebrações civis e religiosas de Portugal e Brasil	6	2
Transportes	5	2
Desporto (Portugal e Brasil)	2	1
Total	302	100

Fonte: elaborado pelo autor e pela autora.

A Tabela 2 regista a distribuição das matérias da revista por temas. Das 302 matérias publicadas na revista, 121 são centradas em pessoas, comportando biografias, elegias de personalidades, cartas-autógrafo e temas sociais da comunidade luso-brasileira, o que representa 40% do conteúdo temático. Possivelmente, tratou-se de uma estratégia editorial para prestigiar a publicação junto das elites políticas, económicas e sociais lusas, brasileiras e luso-brasileiras que constituiriam o seu público-alvo e para fazer com que este se reconhecesse nos conteúdos. Essas elites, nomeadamente empresários e políticos com poder decisório, ademais, poderiam constituir fontes de financiamento da revista, por meio da captação de anúncios publicitários, mas essa atenção às elites também contribuiu para o reforço simbólico da ordem social vigente em Portugal e no Brasil e para a manutenção do *statu quo*, designadamente no que respeita à estrutura social.

Idêntica leitura pode ser feita em relação aos conteúdos sobre “Empresas e atividade económica” (9%), já que, se por um lado se tratava de apresentar empresas e empresários com atividade no Brasil aos portugueses e vice-versa, e se reportar o quadro económico geral de ambos os países, por outro lado a revista poderia, por esse meio, garantir a publicidade de que necessitava para subsistir, ao mesmo tempo que os seus responsáveis editoriais se engrandeciam junto do público-alvo. Esse quadro geral justifica, também, o peso das matérias classificadas em “Comunidade luso-brasileira e suas instituições” (6%), ainda que uma revista que pretendia alicerçar-se em Portugal e no Brasil, tendo por foco a comunidade luso-brasileira, não pudesse deixar de publicar conteúdos sobre a mesma para ser acolhida e reconhecida por esse grupo.

Os conteúdos categorizados em “Atualidade política, social e diplomática” (15%) refletem o contexto histórico agitado da época (contestação às ditaduras portuguesa e brasileira, suicídio de Vargas e retoma do processo democrático no Brasil, processos de descolonização que ameaçavam a soberania portuguesa sobre as províncias ultramarinas, ameaça de intervenção indiana no chamado Estado Português da Índia). Nesse campo, a revista, alinhando-se, discursivamente, pelas posições oficiais dos governos de Portugal e do Brasil, procurava cair nas boas-graças dos governantes, reforçando, simbolicamente, a ordem estabelecida.

Os conteúdos sobre “Patrimônio, história e cultura” (10%), “Lugares e instituições” de Portugal e Brasil (6%) e “Festas, efemérides e celebrações civis e religiosas” (2%) justificam-se pelo espírito de engrandecimento simbólico dos dois países, das suas relações,

dos seus povos e tradições que a revista cultivou desde o primeiro número. Tratava-se de apresentar um Brasil esplendoroso a Portugal e um Portugal orgulhoso da sua história e patrimônio ao Brasil. Esses conteúdos terão contribuído, ademais, para que o público-alvo se revisse no discurso da revista.

A poesia e outros textos literários (2% das matérias) não surpreendem o leitor. Por um lado, as revistas publicam, tradicionalmente, textos literários - folhetins, crônicas, contos e poesia são conteúdos presentes nas revistas desde o século XIX (Sousa, 2021; Sousa, 2024), incluindo-se nessa tradição uma imensidade de narrativas sobre o Brasil publicadas em Portugal (Lopes, 2021; Lucas, 2022); por outro lado, tratava-se, mais uma vez, de prestigiar a própria publicação e dar espaço quer aos seus colaboradores, quer a personalidades do público-alvo que podiam ajudar a revista a singrar.

As matérias sobre “Transportes” (2%) ecoam, sobretudo, as preocupações de portugueses residentes no Brasil, de brasileiros residentes em Portugal, bem como da comunidade luso-brasileira, sobre os transportes de pessoas e bens entre os dois países, que a meio do século XX ainda se faziam, principalmente, por navio, apesar de o avião ter um peso progressivo, sobretudo para as viagens particulares e de negócios.

Os conteúdos sobre “Desporto” (Esporte) são residuais, demonstrando que esse aspeto da vida social tão relevante para portugueses e brasileiros não entrou, estranhamente, no radar dos responsáveis da revista, eventualmente porque não servia os propósitos da publicação.

Cabe ainda destacar a relevância que a revista deu a si mesma e aos seus responsáveis e colaboradores (7% das matérias registadas na categoria “Editoriais e assuntos da revista”). Essas matérias, além de justificarem as mudanças na publicação e nos colaboradores ao longo do tempo, em muitos casos serviram para elogiar os próprios colaboradores e os responsáveis editoriais da publicação.

CONCLUSÕES

Uma conclusão inicial aponta para a relevância e pertinência dos estudos que incidem sobre periódicos específicos do passado como objeto de pesquisa, já que, cruzando as perspectivas da Comunicação e da História, no caso da micro-história cultural, permitem entender não apenas como se apresentou uma determinada publicação e qual a sua linha editorial e os seus conteúdos, mas também qual o seu papel e a sua função social e como

representou a sociedade e o ambiente coevos. Com estudos desse tipo compreende-se mais adequadamente o que faziam e o que pensavam as pessoas do passado, envolvidas por um entorno histórico específico, considerando os vestígios que deixaram plasmados verbal e iconograficamente, mas também as omissões.

À luz desse enquadramento inicial, demonstrou-se que a revista *Duas Pátrias* foi um produto do seu tempo e do contexto em que viviam os seus promotores e colaboradores. Em especial, a publicação contribuiu para legitimar e justificar, simbolicamente, a ordem social, política e econômica estabelecida quer em Portugal, quer no Brasil. É particularmente relevante na revista *Duas Pátrias* a explicação, defesa e justificação de Salazar e do Estado Novo Português, que, à revelia do tempo, sustentavam uma política colonialista e imperialista para a qual buscavam o apoio do Brasil e dos governantes brasileiros. Para o fazer, a revista incorporou no seu discurso mitos justificativos e legitimadores da colonização portuguesa e mesmo do escravagismo.

A publicação também alimentou e ativou, discursivamente, o mito da relação especial entre portugueses e brasileiros para tentar demonstrar a legitimidade histórica quer da colonização portuguesa, quer do protagonismo dos imigrados lusos no Brasil, servindo-se, inclusivamente, das visitas de Estado do Presidente Café Filho a Portugal e do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil, que fazem parte das relações diplomáticas normais entre Estados Soberanos, para tentar demonstrar, legitimar e justificar simbolicamente a proeminência da comunidade luso-brasileira no Brasil e o privilégio dos imigrados lusos neste país.

Demonstrou-se, finalmente, que a revista teve um pendor *oportunista*, já que os seus promotores e promotoras não só procuraram promover a publicação junto de individualidades de interesse, como também a usaram para se promoverem social e comercialmente, sendo particularmente relevantes, a esse nível, as matérias cujas protagonistas, quer no texto verbal, quer no texto visual, são a própria administradora da publicação, Dolores Montenegro Matias, e a colaboradora Angelina C. Kalinkova. Nesse sentido, parece claro que a maior notícia da publicação era ela mesma e seus dirigentes, evidenciando um caráter autocentrado que ultrapassava o simples papel de veículo informativo para se transformar em instrumento de autopromoção e afirmação social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jorge Luís dos Santos. **Malheiro Dias e o luso-brasileirismo: Um estudo de caso das relações culturais Brasil-Portugal**. 2009. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes. As relações culturais luso-brasileiras em perspectiva: da génese do ideário de comunidade à fundação da *Revista Brasília* (1822-1942). **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 46, p. 281-300, 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_46_15

AZEVEDO, Sílvia Maria. Aquém e além-mar: “Cartas do Rio de Janeiro” de Jaime Vítor. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 37, p. 95-125, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i37.170325>

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BALTAZAR, Isabel. Ritmo Novo. O tratado de comércio entre Portugal e o Brasil (14.09.1933). In: CASTRO, Zília Osório de; SILVA, Júlio Rodrigues da; SARMENTO, Cristina Montalvão (Eds.). **Tratados do Atlântico Sul: Portugal-Brasil, 1825-2000**. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006. p. b205-249.

CAVACO, Suzana. Imprensa portuguesa em busca de um mercado luso-brasileiro (1825-1914). **Revista Portuguesa de História da Comunicação**, Porto, n.º0, p. 154-172, 2017. Disponível em: <https://revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20170909-sc.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

CRUZ, Nelson Falcão de Oliveira; GONÇALVES, Renata Weber; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 1-20, 2020.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Ana Suely Pinho. **Imagens e narrativas do Brasil nas revistas ilustradas portuguesas (1822-1922)**. 2021. Tese (Doutoramento em Jornalismo e Estudos Mediáticos - Ciências da Informação) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2021. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10932>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LOURENÇO, Eduardo. Nós e o Brasil: ressentimento e delírio. In: LOURENÇO, Eduardo. **A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia**. 2a. edição. Lisboa: Gradiva, 1999a. p. 135-144.

LOURENÇO, Eduardo. Portugal-Brasil: um sonho falso e um único sonhador. In: LOURENÇO, Eduardo. **A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia**. 2a. edição. Lisboa: Gradiva, 1999b. p. 155-160.

LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração [1884-1892]: Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

LUCAS, Kadine Teixeira. *Em busca da nação entre Portugal e Brasil: Mediação cultural e sociabilidade transatlântica no “Archivo Pittoresco” (1857-1868)*. 2022. Tese (Doutoramento em Educação) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/54662/1/scnd739150_td_Kadine_Lucas.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Fernando; FARIA, Pedro Leite de. Um Primeiro passo no bom caminho. O Tratado de Amizade e Consulta (16.11.1953). In: CASTRO, Zília Osório de; SILVA, Júlio Rodrigues da; SARMENTO, Cristina Montalvão (Eds.). *Tratados do Atlântico Sul: Portugal-Brasil, 1825-2000*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006. p. 251-288.

MÜLLER, Fernanda Suely. *(Re)vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922)*. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011a.

MÜLLER, Fernanda Suely. Lorjó Tavares, esse ilustre desconhecido de *Brasil-Portugal* (1899-1914), *Todas as Letras*, v. 13, n. 2, p. 44-54, 2011b.

RIBEIRO, Carla Patrícia Silva. Um intelectual orgânico no Estado Novo de Salazar: as ideias e os projectos de luso-brasilidade de António Ferro. *Intellectus*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 2, p. 45-67, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/31651/22542>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Casimiro de Abreu: colaborador d' *A Ilustração Lusobrasileira* (1856). *Revista Crioula*, São Paulo, n. 3, 2008.

SANTOS, Paula Marques dos; AMORIM, Paulo. As relações Portugal-Brasil na primeira metade do século XX (1910-1945). In: SOUSA, Fernando; SANTOS, Paula; AMORIM, Paulo (Coords.). *As relações Portugal-Brasil no século XX*. Porto: CEPESE/Fronteira do Caos, 2010. p. 121-139.

SCHEUFELE, Bertram. Content Analysis, Qualitative. In: DONSBACH, W. (Ed.). *The International Encyclopedia of Communication*. Vol. III. Hoboken: Blackwell Publishing, 2008a. p. 967-978.

SCHIAVON, Cármen G. Burgert. O Estado Novo no Brasil e as relações culturais luso-brasileiras no período. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - Vestígios do passado: a história e suas fontes**, IX, 2008, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Associação Nacional de História, 2008. Disponível em http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1210897420_ARQUIVO_TextoANPUH.pdf. Acesso em 13 out. 2024.

SILVA, Júlio Rodrigues da. As revistas luso-brasileiras (1897-1914): *Jornal do Brasil: Edição Quinzenal Ilustrada* (1897-1898) e *Brasil-Portugal: Revista Ilustrada* (1899- 1914). In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 261-287.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Portugal: Pequena história de um grande jornalismo I**. Lisboa: Livros ICNOVA, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34619/hyc1-qblv>

SOUSA, Jorge Pedro (2022): *Portugal. Pequena história de um grande jornalismo II*. Lisboa: Livros ICNOVA. ISBN: 978-989-9048-28-7 | eISBN: 978-989-9048-29-4 | DOI: <https://doi.org/10.34619/p27e-5jla>

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história do jornalismo no Ocidente: Génese e desenvolvimento de uma instituição social até ao final do século XX**. Covilhã: Livros LabCom, 2024. Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/uma-historia-do-jornalismo-no-ocidente-genese-e-desenvolvimento-de-uma-instituicao-social-ate-ao-final-do-seculo-xx/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

STARLING, Heloísa; SCHWARCZ, Lília. **Brasil: uma biografia**. 9a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TENGARRINHA, José. **Nova história da imprensa portuguesa: das origens a 1865**. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013.

WIMMER, Roger; DOMINICK, Joseph. **La investigación científica de los medios de comunicación: Una introducción a sus métodos**. Barcelona: Bosch, 1996.

NOTAS FINAIS

1. *Duas Pátrias*, n.º 1, jul. 1954, p. 21.
2. *Duas Pátrias*, ano IV, n. 1, p. 71.
3. *Duas Pátrias*, n.º 1, julho de 1954, p. 21.
4. Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional em Oeiras e cônsul do Chile em Lisboa.
5. *Duas Pátrias*, n.º 1, julho de 1954, p. 2.
6. *Duas Pátrias*, n.º 1, julho de 1954, p. 2.

7. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 77.
8. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 78.
9. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 5.
10. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 16.
11. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 51-52.
12. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 31.
13. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 67.
14. *Duas Pátrias*, n° 2, 1955-1956, p. 2.
15. *Duas Pátrias*, n° 2, 1955-1956, p. 3.
16. *Duas Pátrias*, n° 2, 1955-1956, p. 11.
17. *Duas Pátrias*, n° 2, 1955-1956, p. 28.
18. *Duas Pátrias*, n° 2, 1955-1956, p. 33.
19. *Duas Pátrias*, n° 2, 1955-1956, p. 49.
20. *Duas Pátrias*, n° 3, 1957, p. 4.
21. *Duas Pátrias*, n° 3, 1957, p. 72.
22. *Duas Pátrias*, n° 3, 1957, p. 74.
23. *Duas Pátrias*, n° 3, 1957, p. 75.
24. *Duas Pátrias*, n° 4, 1958, p. 3.
25. *Duas Pátrias*, n° 4, 1958, p. 3.
26. *Duas Pátrias*, n° 4, 1958, p. 109.
27. *Duas Pátrias*, n° 4, 1958, p. 109-110.
28. Raul Humberto de Lima Simões, Portugal uno e indivisível, *Duas Pátrias*, n° 4, 1958, p. 7-8.
29. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 61.
30. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 43-45.
31. *Duas Pátrias*, n° 1, julho de 1954, p. 136.

SOBRE OS AUTORES

JORGE PEDRO SOUSA tem doutorado em Ciências da Informação - Jornalismo pela Universidade de Santiago de Compostela (1997), instituição onde também desenvolveu pesquisa pós-doutoral (2000). Obteve o título português de agregado em Ciências da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2008). É professor da graduação e pós-graduação em Ciências da Comunicação

da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) desde 1994. É investigador integrado do ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA. A sua pesquisa mais recente tem por foco a história do jornalismo e a análise histórico-cultural do discurso jornalístico.

MONICA MARTINEZ é docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Uniso e líder dos grupos JORLIT e JORLIT d'Elas, criado em 2025 para dar voz a pesquisadoras do jornalismo literário. Concluiu em 2024 seu segundo pós-doutorado, na Universidade Fernando Pessoa (Portugal), com supervisão do professor Jorge Pedro Sousa. Este artigo é o primeiro fruto desses estudos transnacionais luso-brasileiros.

Artigo recebido em: 21 de abril de 2025

Artigo aceito em: 11 de julho de 2025